

PELICAN GIRLS

Um romance inspirado em factos reais sobre
as raparigas obrigadas a partir para a América
no século XVIII para casar com colonos franceses

JULIA MALYE



À minha mãe, ao meu pai

Em 1720, um navio chamado *La Baleine* zarpou da costa atlântica francesa levando a bordo mulheres em idade fértil, criadas ou internadas no hospital de Salpêtrière, em Paris. Prontas a sacrificar tudo para evitar novas perseguições sociais, estas mulheres viajaram para a Luisiana, estado também conhecido por «Pelican State» devido à abundância de pelicanos na sua costa, num momento em que «o Mississípi», nome que os franceses davam à região naquela época, precisava desesperadamente de colonas. Chegaram à colónia em 1721. Inspirado na sua história, este romance é uma homenagem a todas essas mulheres corajosas que permaneceram durante demasiado tempo ocultas na sombra da História dos Estados Unidos da América e da França.

PARTE I

Ao chegarem, a luz ofusca-as. É o sol de Nova Biloxi, inusitadamente brilhante para uma manhã de janeiro. Depois, os olhos das mulheres adaptam-se à luz e veem a praia branca e uma multidão imóvel, homens descarnados e tisonados pelo sol em bicos de pés. Nas canoas, as raparigas agarram-se umas às outras. As solas dos sapatos ficaram tão finas que elas sentem a madeira grosseira na planta dos pés. Quando os marinheiros deixam de remar, a poucos metros da costa, algumas mulheres tentam levantar-se nas pirogas instáveis. O ar húmido cola-se-lhes às gargantas como pão molhado.

Pela primeira vez em três meses, conseguem finalmente ver a areia que a água lhes escondia durante a travessia do Atlântico. Tinham, por fim, vislumbrado o fundo do mar no início da manhã quando desembarcaram do *La Baleine* e atravessaram a praia da ilha do Navio, onde viram a madeira retorcida a flutuar, abandonada, ao longo da linha da água, as ratazanas a subirem as dunas e a passarem-lhes por entre os tornozelos antes de se porem em fuga novamente. Algumas pensavam que a viagem tinha terminado, que a Luisiana era apenas aquela pequena ilha. Ninguém se dera ao trabalho de lhes explicar que os barcos não podem ancorar em Nova Biloxi por a água que banha a cidade não ter profundidade suficiente. Desde que haviam deixado Paris, ninguém se havia dirigido às mulheres.

Agora estão debruçadas sobre a amurada da embarcação a olhar para o mar. Rochas, conchas, peixes: rápidos e brilhantes, a cintilar no canto do olho. Uma das mulheres grita e as outras, sobressaltadas, olham em volta e agitam-se nos assentos. Ouve-se um chape e a mulher tenta alcançar a canoa que acabou de se virar ao contrário. Mas uma freira já está a agarrar-lhe o braço e dois remadores endireitam a piroga. O vestido da mulher espalha-se pela superfície como tinta preta e ela

tenta pôr-se em pé e parece prestes a chorar, mas sabe que nenhuma das outras a poderá ajudar.

Por isso, as mulheres fazem a única coisa que podem fazer: dão as mãos umas às outras e... saltam.

1

Paris, março de 1720

Marguerite

Marguerite tem de fazer uma lista. Dobra a carta do procurador-geral, tenta encontrar a posição correta para a perna: com a chuva dos últimos dias, a dor alastrou-se dos dedos dos pés para a coxa, e depois até aos dedos das mãos. É a hora da noite em que as mulheres já foram mandadas para a cama, em que as irmãs zeladoras já deixaram de fazer os inventários diários e em que os artesãos já fecharam as oficinas. Até as mulheres fechadas nas *loges aux folles*, as celas das loucas, estão em silêncio. Marguerite tira o toucado. Não deveria estar no gabinete depois do pôr do Sol. Deveria estar sentada no jardim, debaixo de uma mimosa em flor com ramos grossos que lhe fazem lembrar as perucas de certos homens. Lá, rodeada de margaridas e asfódelos, mesmo ao fim de tantos anos, Marguerite é capaz de se esquecer do verdadeiro odor do hospital de Salpêtrière.

Abre uma pasta fina. As mãos fazem-se trôpegas, tremem inesperadamente, e a lista do ano passado escorrega-lhe por entre os dedos e por pouco não escapa para debaixo da secretária. Marguerite apanha-a antes de lhe cair no regaço. Passou os últimos quinze meses a escolher as mulheres que iriam ser enviadas para o Mississípi. A primeira lista agradou ao procurador-geral; agora, *monsieur* Joly de Fleury escreve-lhe a dizer que foi o próprio governador da Luisiana que solicitou mais mulheres. Marguerite aproxima uma vela do papel. Não sabe por onde começar a nova lista.

O processo de seleção costumava ser diferente. A ideia de transferir prisioneiras para a colónia fora dela: ainda há pouco tempo, tinha a liberdade de escolher as mulheres que considerasse mais adequadas. Já não havia espaço suficiente em Salpêtrière, os dormitórios não chegavam para quem precisava realmente de abrigo. As camas eram ocupadas por criaturas que nunca iriam mudar. Era uma questão de perceber de quem se queria ver livre primeiro: envenenadoras, libertinas, rebeldes

ou bruxas. Das duzentas e nove mulheres que ela selecionara no ano passado, lembra-se particularmente de uma que inventava teorias da conspiração e que estava sempre a gritar palavras sinistras contra o rei quando estava na prisão. Marceline Janson. Não demorou a despachá-la.

Este ano, porém, não pode mandar para o navio ninguém da Grande Force, a prisão de Salpêtrière. *Monsieur* Joly de Fleury insistiu: o governador Bienville não quer mais prisioneiras. Quer cerca de noventa mulheres férteis, dóceis e capazes. O que significa mulheres arrependidas da Maison de Correction de Salpêtrière, ou raparigas do orfanato La Maison Saint-Louis. Imagina imediatamente Charlotte Couturier, uma órfã ruiva com doze anos e voz bonita, a viajar para a bárbara e desconhecida Luisiana, um território que inspira mais medo do que admiração em Marguerite. Não, Charlotte não. Marguerite prefere manter a criança em segurança em Salpêtrière; em poucos anos, poderá tornar-se uma das irmãs zeladoras no hospital. Marguerite tenta convencer-se de que precisa de mulheres mais fortes para enviar para o Mississípi.

Sacode a pena no tinteiro. A mulher das teorias da conspiração tinha uma irmã muito mais nova, ainda não corrompida. Marguerite faz por se lembrar do nome dela. Antoinette? Não, começa por «E» segundo se recorda. Pensa na sua própria irmã, na forma como as pessoas sempre tiveram dificuldade em compreender como a severa madre superiora de Salpêtrière e a elegante marquesa d'Argenson, esposa de um comissário da polícia reformado e mãe de outro no ativo, haviam crescido na mesma casa. Sob o título *Passagers de La Baleine*, escreve: «1) Étienne (ou Antoinette?) Janson — entre quinze e dezassete anos.»

Só faltam oitenta e nove. Marguerite recosta-se na cadeira e a dor percorre-lhe o corpo, dos pés ao pescoço. No tinteiro, a tinta recorda-lhe os círculos que a pena desenhava.

— Abadessa?

Do outro lado da porta, a mulher repete a palavra de modo lamentoso; a interrogação, o único tom que conhece. A irmã Bailly está ciente de que não a deveria incomodar depois das completas, a última oração da noite.

— *Qu'y a-t-il?* — O que se passa?

A porta de madeira range quando a nova assistente a abre para entrar. Os movimentos da irmã Bailly refletem a forma como pensa. São deselegantes, meticulosos, extremamente prudentes.

— O que se passa?

— A supervisora das *loges aux folles* relatou novos casos de febre por mordedura de ratazana.

— Diga-me alguma coisa que eu não saiba já, irmã Bailly.

Marguerite detesta o medo que vê nos olhos da assistente. O que ela queria era que a irmã Bailly resolvesse o problema sozinha.

— É a mulher demente — admite, por fim. — A Émilie Le Néant. Mais uma das birras dela.

Marguerite aproxima a perna má do corpo.

— Os guardas não podem fazer nada? E a irmã responsável?

— Tentaram. Ela não obedece.

Evidentemente. Há um mês, Marguerite ordenara que a rapariga fosse afastada de todos os sacramentos. Um caso perdido que lançava blasfêmias sempre que via livros, convencida de que eram Bíblias.

— As outras mulheres estão a começar a ficar agitadas.

Marguerite apoia as mãos na secretária para se levantar. As irmãs não conseguem fazer nada sem ela. Ultimamente, esta ideia assoma-lhe cada vez mais à cabeça, e Marguerite sente sempre um laivo de orgulho e de alívio. Depois, a exaustão e o medo fazem-se sentir. Abana a cabeça em negação quando a irmã Bailly dá um passo em frente na direção dela.

— Vamos lá despachar-nos, então — diz Marguerite.

Não conseguem ir tão depressa quanto desejável. Marguerite faz o que pode para atravessar o pátio de Lassay o mais rapidamente possível, mas têm de parar quando chegam à igreja de Saint-Louis. A noite já caiu e lança sombras em volta dos guardas de serviço e dos poucos trabalhadores que se dirigem, apressados, para as suas casas. Marguerite encosta-se à parede à espera de que a dor abrande.

— Vamos?

Atravessam o edifício das Mulheres Velhas até à Cour Sainte-Claire, onde a bengala de Marguerite fica presa entre as pedras da calçada. À direita, só se vê uma janela iluminada na oficina das Mulheres Novas. Salpêtrière, a cidade de Marguerite, estende-se até ao infinito esta noite. Quando entram na Rue des Gardes, o silêncio é permeado por ruídos mais ou menos distantes: gritos vindos dos dormitórios, grunhidos do curral dos porcos, insultos do edifício dos Arqueiros. A prisão Grande Force ergue-se, imponente, à esquerda. Aquele bairro tem

um quê de perverso, de sórdido, que nunca deixa de afetar Marguerite. Se ela tivesse supervisionado a construção de Salpêtrière, teria construído a prisão das mulheres na extremidade mais longínqua da cidade, onde ficam atualmente as Cozinhas e a Cour des Chèvres. Preferiria ter cabras a loucas no centro do seu hospital.

— Madre superiora — chama a irmã Elautin.

As vozes dos guardas baixam-se quando a responsável da Grande Force segura a porta aberta da prisão. Uma vela lança-lhe uma luz lunar sobre as faces, mas o toucado preto desaparece no escuro. O odor cavernoso do corredor infiltra-se, frio e nauseabundo, na garganta de Marguerite.

— Eu disse à irmã Bailly que não era necessário incomodá-la — diz a irmã responsável pela prisão. — Parece que a irmã Bailly ainda não está habituada aos barulhos do lugar.

— Agora não importa — replica Marguerite, e a assistente olha para ela como um cão que acabou de receber uma festa. No cimo das escadas, alguém grita a pedir mais vinho, a chamar por Pierre ou por Jean, e depois apenas a pedir ajuda. — Diga-me o que aconteceu.

— Uma das outras prisioneiras acalmou-a — informa ela.

— Alguém entrou na cela da Le Néant? — pergunta a irmã Bailly. Marguerite lança um olhar irritado à assistente.

— É claro que não. Nesse caso, teria uma boa razão para chamar a nossa madre superiora — retruca a irmã Elautin.

— Quem é que a acalmou? — pergunta Marguerite.

— Uma mulher chamada Geneviève Menu.

Marguerite não costuma ter dificuldade em esquecer-se da irmã. Mas fora Lucie quem mandara prender e enviar a tal Geneviève Menu para a Grande Force, há dois meses, não sem antes advertir Marguerite para o caráter depravado da antiga lavadeira. Lucie, que nunca perdia uma oportunidade de lembrar Marguerite das relações que tinha com homens poderosos. Antes de o filho de Lucie ter seguido o caminho do pai e se ter tornado o novo comissário da polícia durante o breve mandato do tenente-general Machault, Marguerite não tinha dificuldade em deportar as mulheres que escolhia; agora, o homem responsável pelas autoridades volta a ter o apelido da irmã. Lembrar-se de Lucie nem que seja só uma vez por dia costuma ser suficiente para a irritar,

e a bengala por pouco não atinge o vestido da irmã Elautin quando ela a levanta para apontar para a prisão, a Grande Force.

— *Allons*, mostre-nos o caminho.

Ao passarem por pátios estreitos e celas exteriores onde o céu se faz mais pequeno, Marguerite tenta lembrar-se melhor de Geneviève Menu. Quando começou o serviço em Salpêtrière, tinha capacidade de se lembrar de centenas de nomes e rostos. Ainda vê os olhos de bebé de Charlotte Couturier a desviarem-se devagar dos dela e a incidirem nos da responsável do orfanato naquela noite de janeiro de 1709. Mas, por alguma razão, não se consegue lembrar das circunstâncias do recente encarceramento de Menu. Nunca se conheceram, isso é certo. Agora, a única coisa de que Marguerite se consegue lembrar é de se sentir frustrada com a irmã por Lucie se ter atrevido a dizer-lhe novamente o que fazer com as residentes. As chaves da irmã responsável pela prisão caem-lhe na mão, frias e pretas como mexilhões frescos.

— A Le Néant está em confinamento solitário, lá ao fundo. — A irmã Elautin estende uma vela a Marguerite.

Marguerite tapa o nariz com a mão entrefechada. É a semana do mês em que os dormitórios cheiram a metal e pele molhada. Todos os invernos, o sistema de evacuação que passa na ala oriental de Salpêtrière transborda quando as águas do Sena, que desliza ao lado, correm rápidas e alterosas, e deixa a prisão encharcada de um odor que parece tão sólido como lama seca ou excrementos de pássaros: um aroma penetrante que Marguerite sabe que lhe vai deixar o vestido empestado e permear o toucado. No escuro, ouve movimentos dentro das celas, massas a mover-se na palha, um soluço baixo, mas nenhum dos gritos que esperava ouvir. Detém-se ao chegar ao final do corredor.

De início, não vê nada de anormal. A luz da vela atravessa a primeira cela e tremeluz nas barras do limiar da porta. Depois, ouve-o: um batimento repetitivo, insistente, incessante. É um som que Marguerite conhece: na Crèche já viu bebês a baterem com as cabeças nos cestos mais de uma vez para se embalarem com pequenas pancadas que deveriam ter sido afagos das mães. Le Néant também está deitada sem se mexer, a dormir. Os tornozelos parecem mais finos sob os grilhões; o corpo nu está arrepiado e coberto de fiapos de um cobertor çoçado. O barulho continua.

Quando Marguerite levanta a vela para a cela seguinte, vê um corpo ajoelhado e nós dos dedos vermelhos a baterem contra uma parede. A prisioneira não pára, nem quando a luz lhe ilumina os pés, nem sequer quando vira a cabeça para as grades e deixa os olhos exaustos pousar em Marguerite, que retribui o olhar tempo suficiente para reparar nos vasos sanguíneos que formam uma teia intrincada em volta das íris azuis da mulher e sentir a dor a voltar a latejar-lhe na perna. Quando volta para junto da irmã responsável pela prisão, não tem a certeza de quem desviou o olhar em primeiro lugar: se foi ela ou a mulher que trabalhava para a irmã.

— Faça o que for necessário para que a pobre criatura se vista — diz Marguerite quando chega à porta. — E transfira a Menu para os dormitórios da Maison de Correction.

A irmã Elautin dá sinal de querer falar, mas não diz nada. A irmã Bailly oferece-lhe timidamente um braço, que Marguerite agarra até chegar aos seus aposentos. Quando se senta na secretária, acrescenta um segundo nome à lista de passageiras do *La Baleine*.

Na primeira vez que Marguerite entrou em Salpêtrière, o Hospital Central tinha treze anos. Marguerite tinha dezoito. Foi a última vez que usou um vestido azul, com pespontos bordados em tom prata que lhe circundavam o pulso como algemas. O cabelo preservava a cor de uma maçã aberta deixada ao ar numa mesa da cozinha. Marguerite não tinha escolhido tornar-se irmã zeladora, mas estava determinada a não ir para casa e a não se casar, como fizera Lucie, a irmã de sangue.

Foi em 1669. *O Tartufo* de Molière podia finalmente ser apresentado ao público. Numa tarde quente de abril, em frente de uma multidão silenciosa, Louis XIV beijou os pés de doze indigentes. Um dia antes de Marguerite sair da capital para ir para Salpêtrière, Lucie não parava de falar sobre Paris. Estava a aplicar uma mistura de clara de ovo e alvaiade no rosto para esconder as cicatrizes da varíola que lhe tinham fustigado a pele de bebé. Pintara veias azuis no peito para que a pele parecesse mais clara.

No ano anterior, antes de o pai de ambas ter decidido que ela deveria servir a causa do novo hospital, Marguerite não teria, provavelmente,

prestado muita atenção a nada disto. Mas, a partir do momento em que soube que estava a caminho de Salpêtrière, ouvia com interesse todas as histórias relacionadas com os pobres. Não tardaria a ir viver entre eles. Observou Lucie a colocar um pedaço de tafetá preto na face esquerda e ouviu-a a divagar sobre os beijos nos pés. Marguerite imaginou dedos pretos e unhas partidas, os lábios carnudos do rei. Depois Lucie virou-se para a encarar.

— Não te preocupes — disse. — No lugar para onde vais, não terás de beijar ninguém. E duvido que venha a haver qualquer outro tipo de contacto físico.

Afinal, Lucie tinha razão sobre os beijos. Mas estava enganada relativamente a tudo o resto. Ao longo dos cinquenta e um anos que passou em Salpêtrière, Marguerite teve de segurar e amparar muitas mãos descarnadas e sem unhas nas dela.

Cresceu a ouvir falar das pessoas pobres de Paris. Depois das Frondas, o pai contava-lhe histórias sobre os agricultores expropriados que fugiam do campo e se fechavam em subúrbios tão estreitos que o ar e o sol não conseguiam descer para além das chaminés das casas degradadas. Falava do bairro de Chasse-Midi, onde as pessoas entravam à socapa em matadouros para roubar restos de animais. Em 1642, haviam sido assassinados mais de trezentos homens em Paris; o pai de Marguerite não se cansava de repetir os números, tão maravilhado como se estivesse a contar moedas de ouro. Mesmo depois de o Cour des Miracles ter sido limpo, continuava a contar a história de um soldado falso de que ouvira falar e que desenrolava as ligaduras da perna sem nenhuma mazela após ter passado um dia a pedir ajuda aos transeuntes. O pai falava dele como se se tivessem conhecido. Depois levantava-se do sofá de dois lugares e olhava para o rio Bièvre, que transportava ossos ressequidos e folhas de salgueiros para o Sena. Marguerite demorou anos a compreender que o pai não sabia nada sobre os pobres. Que os pobres não passavam de um tema de discussão com os administradores reais e espectros que ele via da carruagem quando voltava de Versailles para casa.

Marguerite não foi a primeira escolha do pai para trabalhar em Salpêtrière. Vários anos após o rei fundar o hospital, o pai de Marguerite decidiu enviar Lucie. Na altura, fazia sentido, até para Marguerite. Lucie era atenta e esperta, e tinha uma teimosia que as pessoas confundiam com paciência ou determinação. Era o tipo de pessoa cujas excentricidades eram desculpadas e a beneficiavam. Quando bateu a porta do

apartamento onde viva na cara do conde, houve alguém que disse «Oh, é tão típico da Lucie fazer isto». O pai delas estava convencido de que, com as ideias e o arrojo que tinha, Lucie transformaria o hospital numa instituição moderna.

Mudou de ideias quando o futuro comissário da polícia pediu a mão de Lucie em casamento. Foi numa manhã quente de inverno, com um céu cor de laranja que derretia a neve. Virou-se para Marguerite, falou-lhe novamente do homem do Cour des Miracles que fazia de conta que era um soldado ferido e disse-lhe que pessoas como ele poderiam precisar de ajuda de uma mulher como ela.

Marguerite não sabe bem que tipo de mulher é. O que ela sabe é que, com sessenta e nove anos, continua a tentar provar que deveria ter sido a primeira escolha.

Marguerite espera as irmãs zeladoras no refeitório. Não demorarão a chegar e ficarão todas contentes quando ouvirem a missão que lhes vai ser atribuída: as responsáveis da Maison de Correction e da Maison Saint-Louis irão ajudá-la a fazer a lista. Uma simples fonte de inspiração, como Marguerite se tem tentado convencer a manhã inteira. Inclina-se para a janela, perscruta a Cour Saint Louis em busca dos hábitos pretos e brancos das mulheres, mas está quase na hora do jantar e é impossível ver quem quer que seja no meio da multidão azafamada. Sabe, de olhos fechados, o que irá encontrar atrás do edifício de Mazarin e da oficina de Saint-Léon: a igreja de Saint-Louis seguida de um labirinto de pátios, dezenas de dormitórios e oficinas, mais ruas que conduzem às Cozinhas, ao edifício da Rouparia, à Enfermaria e, por fim, ao maior jardim do hospital, o jardim Le Marais. E, neste momento, logo ali abaixo da janela, vê um ajuntamento de irmãs zeladoras, criadas, carroceiros, arqueiros e padres entre as bancas do mercado, junto à Porte des Champs como se, de repente, Salpêtrière, a cidade de Marguerite, se resumisse àquele primeiro pátio.

— Madre superiora.

A porta fecha-se com estrondo. A irmã zeladora da Maison de Correction levanta-se da vénia e senta-se à mesa. As faces da irmã Suivit estão sempre afogueadas. Margarida nunca sabe se é do frio, do calor, ou de alguma emoção misteriosa que passa por detrás dos seus olhos esguios.

— Queria falar consigo sobre a rapariga que veio da Grande Force. Geneviève Menu. Duvido que mulheres da laia dela sejam capazes de arrependimento.

Marguerite bebe mais um gole de vinho. Há alguns anos, ninguém poria em causa as suas decisões. Transferia prisioneiras de um dormitório para o outro a seu bel-prazer.

— Está a querer dizer que ela não merece um lugar na sua Maison?

— Receio não ser a única a pensar assim — confirma a irmã Suivit.

— Continuo a pensar que a Menu deveria permanecer em confinamento solitário.

— Então ficará contente por saber que talvez não fique na sua Maison por muito tempo.

A zeladora franze o sobrolho; Marguerite repara imediatamente no erro que acabou de cometer. Sempre fez questão de não partilhar nada com as subordinadas a não ser o estritamente necessário. Quando não conhecem as motivações de Marguerite, as subordinadas partem do princípio de que ela tem as suas razões para as decisões que toma. Alguém bate à porta, e aparecem três irmãs zeladoras, seguidas de uma empregada e do cheiro a carne; os jarros de vinho deixam círculos molhados e entrecortados na madeira. Lá fora, os sinos da igreja tocam para a sexta, a oração do meio-dia. Quando Marguerite olha de relance para a diretora da Maison de Correction, a mulher está a olhar fixamente para ela como se ela fosse uma daquelas bonecas sem olhos de que tanto gostava.

De volta aos aposentos, Marguerite não se surpreende ao ver uma carta de Lucie em cima da secretária. Não abre o envelope imediatamente. Antes disso, dirige-se à estante de arquivos enquanto murmura o alfabeto, como faz sempre, quando procura qualquer letra depois do «D». O papel que retira de lá está branco, ao contrário dos outros abaixo que cobria, que apresentam já o tom acastanhado da casca dos ovos. O documento contém informações como a idade da reclusa no momento da detenção (vinte e dois), os nomes dos pais (Jacques Menu e Anne Foret), a data do encarceramento (12 de janeiro de 1720) e a pessoa que solicitou a carta de prego (Lucie de Voyer, marquesa d'Argenson). E, no fundo da página, com letras tão pequenas que Marguerite tem de se inclinar para a lareira para as ler: abortadeira.

Embora tivesse tido de lidar com mais de uma assassina de crianças ao longo da carreira, a situação não deixava de ser delicada. Sabe que deveria ligar para a irmã zeladora da Grande Force, pedir-lhe que levasse Menu de volta para a cela e deixá-la tocar todas as melodias de embalar que quisesse a *Le Néant*. No entanto, quando dá por si, Marguerite está a abrir a carta da irmã, ciente do que vai encontrar no interior. Lucie sempre exagerara na gravidade das coisas. Aos doze anos, dizia que um jarro de leite azedado era um atentado à sua saúde. Aos setenta e dois, dizia que uma criada devassa era uma assassina.

Na carta, Lucie proferia acusações mais graves. Quer que Menu seja recolocada imediatamente em confinamento solitário. Os parágrafos são densos, cheios das perguntas retóricas e das exclamações habituais. Marguerite detém-se na última: «Tem piedade das crianças cujas mães aprenderam a arte dos mais bárbaros assassinos!» Porém, Marguerite não sente piedade. Sente raiva e desilusão. Raiva de Lucie por estar sempre a interferir, desilusão em relação a Geneviève, cujas ações dificultam muito o perdão. Imagina a prisioneira agachada na cela, os impassíveis olhos azuis sob a luz da lanterna. Na rua, ouve o som de passos no piso molhado do Jardim das Irmãs. Um rapaz grita que há fruta da Quaresma à venda.

Marguerite não vai mudar de ideias. Retira o ficheiro de Menu dos arquivos da Grande Force e coloca-o na pilha reservada para a *Maison de Correction*. Não lhe importa muito se Geneviève é o monstro que a irmã descreve. Pega numa folha de papel. Vai escrever a Lucie. Vai explicar-lhe o que ela deveria ter compreendido há muito tempo: que, sob a orientação de Marguerite, *Salpêtrière* pode transformar uma assassina de crianças numa mãe extremosa.

Marguerite nunca pôs em dúvida o trabalho do hospital. A única ocasião em que esteve perto de o fazer foi há onze anos, no inverno de 1709. Naquele ano, nem ela nem as irmãs de *Salpêtrière* estavam preparadas para a vaga de frio que se abateu sobre a cidade. Ninguém em Paris estava preparado. Nos primeiros dias de janeiro, um vento glacial varreu a capital. Parou tudo. No Bosque de Bolonha, as árvores explodiram, enchendo os caminhos de cascas congeladas. Em duas noites, o Sena congelou. Os dormitórios de *Salpêtrière* não demoraram

a encher-se de novas residentes, desesperadas por fugir às ruas da cidade. E havia muito mais gente a suplicar para entrar, num fluxo interminável. Lucie, por sua vez, podia, certamente, aquecer os quartos da sua mansão, mesmo em tempos de escassez de lenha.

Uma noite específica desse inverno nunca se afastou da memória de Marguerite, meses de tormenta condensados numa única recordação viva e dolorosa. A noite já tinha caído quando foi chamada para o orfanato infantil. Marguerite lembra-se do vento frio a penetrar-lhe no corpo com tal contundência que ficou com a cabeça a andar à roda; o gelo deixara as escadas da Crèche tão escorregadias como as pedras da calçada dos pátios. Marguerite ouviu os choros dos bebés e sentiu o cheiro fétido de lá suja muito antes de chegar ao dormitório principal. No interior, metade do compartimento estava às escuras. Já não havia velas suficientes e só uma das duas lareiras tinha lume a arder. As irmãs zeladoras, conhecidas como tias na Crèche, alimentavam, limpavam e acalmavam as crianças. Nos braços das religiosas, com os olhares empedernidos, os rostos dos bebés pareciam velhos. Marguerite demorou algum tempo a encontrar a responsável do orfanato.

Quando a encontrou, saiu com ela para o corredor que dava para as escadas das traseiras. A irmã zeladora parecia tão exausta que Marguerite teve vontade de a mandar sentar-se, mas não havia cadeiras disponíveis. A madre superiora sugeriu que os bebés que não tinham um berço fossem enviados para junto dos órfãos mais velhos da Maison Saint-Louis, mas, enquanto falava, ouviu-se um barulho. Parecia um gatinho, um cachorrinho, um animal em sofrimento. Era um bebé, com não mais de seis meses, deitado no cimo das escadas.

Ao ver que a responsável pelo orfanato não mexia um músculo, Marguerite pegou na criança ao colo. A cabeça da bebé parecia enorme. E o corpo estava tão emaciado que Marguerite sentiu as omoplatas da criança a deslizar-lhe no polegar. Quando se virou, viu a irmã zeladora a correr para o dormitório sem olhar para trás. Marguerite sentiu um nó no estômago. A mulher não se sentia capaz de receber mais nenhuma criança, mas não tinha outra opção. A madre superiora olhou para o bebé: olhos cinzentos com laivos de azul, cabelo ralo que se fez ruivo quando Marguerite voltou para a luz débil do dormitório. A menina fora abandonada, depois esquecida. Marguerite não podia fazer muito

para ajudar as pessoas que morriam nas ruas de Paris. Em Salpêtrière, contudo, a situação era diferente. Na sua pequena cidade, as crianças pequenas recebiam todos os cuidados, por mais frio que fosse o inverno.

Voltou ao orfanato no dia seguinte e um dia depois também. Lembrou-se de que era como quando tinha vinte anos e andava de dormitório em dormitório. Com cinquenta e oito anos, dizia a si própria que voltava por causa de todas as crianças, não apenas por causa de uma. Aprendera, não sem dificuldade, como jovem irmã zeladora, que não podia fazer tudo: que a mulher epilética teria morrido independentemente do que ela fizesse, que a devassa grávida de treze anos nunca fora suficientemente forte para aguentar o parto. Já a instituição, o pessoal que dirigia, podia salvar pessoas. Marguerite podia mandar vir mais velas, mais lenha, mais cobertores para os bebês. E foi o que fez. Podia reformar a educação das órfãs, subitamente muito mais numerosas depois do inverno de 1709, e era o que iria fazer.

Nunca mais pegou na menina ao colo. Sabia que, como qualquer outra residente, a criança poderia estar morta da próxima vez que visitasse o orfanato. A bebé foi batizada com o nome de Charlotte, mas ficou conhecida como «Couturier» devido ao bordado que trazia no punho. Tirando isto, Marguerite nunca viria a saber mais nada sobre a origem da criança. Não importava. Salpêtrière era o futuro dela, o único que ela e as outras órfãs tiveram na vida.

Em abril as responsáveis da Maison Saint-Louis e da Maison de Correction informaram Marguerite de que tinham uma lista de nomes para lhe entregar. O Jardim dos Pobres gotejava ao fim de um dia de chuva que não impediu que a nave da igreja de Saint-Louis se tivesse enchido de uma multidão maravilhada para uma majestosa missa de Páscoa. No dia seguinte, Marguerite vai até ao orfanato.

As órfãs são tão jovens que ela cede à tentação de pensar que nunca se transformarão nos corpos uivantes trancados nas *loges aux folles*. Instiga-se a não procurar Charlotte. Marguerite sabe que a pequena ruiva não estará entre as crianças. A nova irmã responsável pelo orfanato foi avisada; o nome de Charlotte não deveria ser incluído na lista.

— Estão a regressar de Sainte-Claire — informa a irmã Brandicourt

com entusiasmo, fazendo um sinal para que o grupo de raparigas se ponha em fila. Passam todas as manhãs no pátio até à tércia e aprendem a bordar, coser e rendilhar. Conhecem a Bíblia. As mais inteligentes sabem ler e escrever. A nova responsável não pára de falar, como se não tivesse sido Marguerite a definir a rotina das crianças. — São aptidões preciosas para levar para as nossas colónias — acrescenta a jovem mulher, assentindo como se alguém lhe tivesse feito uma pergunta.

Têm quarenta raparigas à frente delas, a olhar para os pés, para os colchões que partilham, para uma bebé que está a espreitar pela porta do dormitório. Os rostos tornam-se indistintos aos olhos de Marguerite. A responsável pelo orfanato segue-a de perto quando ela caminha até ao fim da fila, como se as órfãs fossem um serviço de porcelana que Marguerite pudesse quebrar.

A madre superiora dirige-se apenas a uma delas, escolhida ao acaso. Pergunta-lhe se está disposta a ir para a Luisiana, e, embora a voz da órfã não seja mais do que um suspiro, o rosto orgulhoso da irmã Brandicourt diz tudo o que Marguerite precisa de saber. Dá uma palmadinha no braço da rapariga. Na última reunião da direcção, o procurador-geral do rei afirmara insistentemente que as passageiras deveriam ser, até certo ponto, voluntárias. Se as órfãs de Salpêtrière estivessem dispostas a ir, acrescentou *monsieur* Joly de Fleury, não seria necessário usar grilhetas ou correntes durante a viagem, como tinha acontecido nas viagens anteriores. Não seriam necessários oficiais do quarto pagos para arrebatat crianças e vagabundas às ruas. No mês anterior, os parisienses, furiosos com as detenções, haviam atacado os bandoleiros do Mississípi. Havia rumores de que vários desses polícias foram mortos pela multidão furiosa.

A visão assombra Marguerite. A reacção dos parisienses significava que tinham pressentido, de uma forma ou de outra, o que ela temia. Que o ouro escondido nos rios da Luisiana não passava de um reflexo ofuscante do Sol na água; que a terra era enorme, inóspita, com florestas cheias de animais suficientemente grandes para engolirem os colonos por inteiro.

A irmã Brandicourt acompanha-a à porta; Marguerite olha de relance para as órfãs. Está a fazer o seu trabalho. Os maridos irão protegê-las. Vê-as a desmobilizarem-se e detêm-se. No meio do dormitório, Charlotte está a correr em direcção a uma das candidatas

selecionadas pela irmã zeladora. Charlotte é franzina, mesmo para a idade. O nariz cruza-lhe abruptamente as faces; parece mais bonita de perfil, mas o tempo poderá provar que Marguerite está errada. O rosto da rapariga tem a mesma expressão melancólica, ansiosa e expectante, como se lamentasse algo de que não tivesse conhecimento. Puxa uma mecha de cabelo ruivo para trás da orelha, depois agarra o braço da órfã, limpa-lhe os olhos e abana a cabeça para responder a uma pergunta que Marguerite não consegue ouvir. Quando a madre superiora pergunta à irmã Brandicourt como está Charlotte, o sorriso da jovem freira desaparece.

— Ela recusou-se a cantar esta manhã — responde a irmã zeladora.
— Ficou muito zangada quando eu lhe disse que não estava na lista.

Ao atravessar a Cour Mazarine a caminho da Maison de Correction, Marguerite não consegue libertar-se da sensação de desconforto que se abateu sobre ela no orfanato. Charlotte não faz ideia do que é o Mississipi, um lugar onde a sua bela voz não serviria de nada. Não sabe nada sobre os soldados que morrem à fome na Luisiana, facto que Marguerite também desconhecia até ter ouvido uma discussão na última reunião da direcção do hospital de Salpêtrière. Marguerite não sabe muito sobre a colónia, mas tem a certeza de que Charlotte está mais segura com ela em Salpêtrière.

Quando Marguerite entra no dormitório da Maison de Correction, as residentes não desviam os olhos dos fusos de lã. Ao contrário da responsável pelo orfanato, a irmã zeladora da Maison de Correction não se preocupou em dispor as candidatas numa fila. Todas elas já pecaram; a família enviou-as para ali na esperança de que se emendassem. As mulheres mais abastadas têm quartos individuais do outro lado do edifício. As mais pobres vivem ali, nos dormitórios. O sol de abril lança sombras sobre a sala, e quem olha para o chão não saberá dizer onde começam as raparigas e onde acabam as rocas.

— Estão quase todas aqui — diz a responsável. Fala alto para que a madre superiora a possa ouvir, apesar do barulho dos engenhos de fiar. Começa a apontar para algumas residentes. Umam levantam as cabeças, outras não. Enquanto caminha com Marguerite pelo corredor principal, a irmã Suivit explica que recebeu um pedido da família de uma mulher, uma das ricas, que tem um quarto só para si.

Marguerite concentra-se nas fendas no chão para não tropeçar. Quando percebe que a zeladora está a olhar para ela, pergunta o nome da rapariga.

— Béranger — responde a irmã Suivit. — Chama-se Pétronille Béranger. A mãe escreveu-nos a dizer que já não podem pagar a pensão.

O que significa que se acabam os privilégios: acabam-se as velas, a cama só para ela e a lenha para a lareira.

— Vai ser transferida para aqui, para ficar com as demais — informa Marguerite.

A zeladora hesita.

— Isso pode vir a ser um problema — aponta. — Ela é diferente. As outras raparigas não a vão compreender.

A irmã Suivit olha para Marguerite, à espera. No entanto, a madre superiora não tem mais nada a dizer. O seu olhar incide num assento vazio e uma roca parada. Pergunta se falta alguém.

— A Menu foi autorizada a dar um passeio no jardim hoje de manhã.

— Isso significa que o comportamento dela foi satisfatório?

— Foi — responde a irmã Suivit. Alça um pouco a cabeça. — Até faltar à catequese.

— Gostaria de a ver.

As rocas continuam a rodar, aparentemente mais depressa, refletindo feixes de luz que tremeluzem nas paredes.

— Madre superiora, não sei se...

— Ora, mas sei eu.

A mulher que Marguerite encontra na cela da Maison de Correction tem pouco que ver com a que viu agachada pela última vez na Grande Force em março. A sua pele está mais luminosa, menos macilenta, e o ralo cabelo castanho-claro encaracolado enche o toucado que antes assentava diretamente na cabeça rapada. Parece mais alta sob a janela baixa; a luz incide-lhe nas maçãs do rosto elevadas e penetra-lhe nos olhos azuis. Olha para Marguerite como se estivesse a prever o próximo movimento de um animal de grande porte.

— Sabe porque foi transferida para a Maison de Correction?

Geneviève não parece ouvir; a sua cabeça está virada para uma das esquinas do quarto. Marguerite tem de dar mais um passo para

compreender para onde a prisioneira está a olhar. Depois vê um punhado de ratazanas viscosas, a empurrar os focinhos cor-de-rosa contra a barriga lassa da mãe. Geneviève ainda está a olhar para elas quando pergunta:

— Porque a Lucie d'Argenson morreu?

Marguerite recua. É a primeira vez que ouve alguém a omitir o título de marquesa de Lucie; e a primeira vez que alguém articula que tinha morrido. Ouve Geneviève a dizer alguma coisa sobre Lucie lhe ter prometido que, enquanto estivesse viva, Geneviève nunca deixaria aquela cela.

— Não — responde Marguerite. Apoia o peso na perna direita. — A zeladora está a pensar enviá-la de volta para a Grande Force. Se continuar a desaparecer como desapareceu hoje, posso não ter escolha senão dar o meu aval à decisão.

Geneviève olha para ela com os olhos frios e severos. Depois ajoelha-se mais perto das ratazanas, com o braço estendido em cima delas, a atravessar o feixe de luz do Sol como se estivesse a preparar-se para pegar numa. No entanto, limita-se a mexer as mãos e a olhar para as sombras dos dedos a acariciarem as crias cegas. Marguerite pega na bengala. Tinha esperança de que a mulher por que estava a lutar o merecesse.

— Em junho, irá partir um barco para o Mississípi — diz. Não consegue encontrar a chave certa, a que a zeladora lhe indicou. — Se for capaz de se comportar durante algumas semanas, poderá ter a oportunidade de entrar a bordo.

A expressão de Geneviève faz-se mais dócil por instantes, os músculos do pescoço desaparecem sob a pele, a mão descai para junto da ilharga. Quando abandona a cela, Marguerite ouve-a a dizer:

— Não é a senhora que decide? — O tom não é de maldade; lembra a Marguerite a forma como as crianças fazem perguntas, um tom que ouviu Charlotte a usar há alguns anos, com genuíno interesse e pronta a repetir a mesma frase até a resposta a satisfazer.

— Gostaria muito de ser — responde Marguerite, de costas voltadas. Desta vez, não tem de pedir ajuda a Geneviève para fechar a porta. A prisioneira empurra-a, até a fechadura estalar no lugar.

A irmã Suivit só pede que Marguerite volte à Maison de Correction uma vez. Encontram-se no outro lado do edifício, onde estão as residentes abastadas: jovens ligeiramente perturbadas, mulheres temporariamente pouco convenientes encarceradas em celas douradas por família e amigos. A zeladora quer falar sobre a tal Pétronille Béranger novamente.

— A mãe dela continua a fazer de conta que é uma senhora de grande estatuto — diz —, mas, pelo que ouvi, pode não continuar a sê-lo por muito tempo. — A irmã Suivit baixa a voz. — O pai é um apostador e está a delapidar a fortuna da família. — Marguerite segue-a pelas escadas acima. Lembra-se finalmente do que a irmã zeladora disse sobre os pais não serem capazes de pagar a pensão da filha e sobre o facto de a rapariga ser diferente. À primeira vista, a mulher que Marguerite encontra à sua frente não parece nada de extraordinário. Tem ombros estreitos e clavículas encovadas; as sobrancelhas são escuras e finas. Mas, quando Pétronille se vira, Marguerite vê que a rapariga tem um sinal de nascença branco na face direita que vai do maxilar ao canto da boca. A única vontade que a madre superiora tem é de a esfregar até não restar nada. Sentada junto à lareira do quarto, Pétronille está debruçada sobre as páginas de um herbário. — Que cores tão bonitas — observa a irmã Suivit, apontando para as pétalas secas. — Fez isto tudo sozinha, *mademoiselle* Béranger?

A mulher olha para a zeladora como quem olha para as chamas de uma fogueira ou para as correntes de um rio. Vira-se para Marguerite.

— Obrigada por vir aqui. — A voz é serena. O indicador está pousado debaixo de uma flor delicada, púrpura e amarela. — Gostaria de ir para a Luisiana — diz.

Depois fica em completo silêncio, ajeita-se no assento e regressa ao livro.

— Como eu já lhe tinha dito — diz a irmã Suivit depois de fechar a porta do quarto —, receio que ela não se tenha integrado com as outras raparigas nos dormitórios. Desde que chegou, pouco falou, mas tem melhorado. — A zeladora sorri para Marguerite. — Talvez seja

melhor que ela vá para o Mississípi. A reserva não é uma das melhores qualidades que se podem esperar de uma esposa?

Marguerite não tem a certeza se descreveria a mulher como reservada, e duvida que o possível marido na Luisiana o venha a fazer. Mas não contraria a irmã Suivit.

— Vamos acrescentá-la à lista — anuncia. Quando voltam para a saída, a madre superiora repara que a zeladora abranda para lhe acompanhar o ritmo.

Por uma vez, a irmã Bailly está longe de vista e Marguerite atravessa sozinha a Cour Mazarine. A verdade é que Marguerite não se importa muito que Pétronille Béranger embarque no *La Baleine*. A única coisa que ela quer é entregar a lista ao procurador-geral. Está cansada de ser responsável pela vida daquelas mulheres.

Este ano, a primavera abate-se sobre Paris de forma tão abrupta que a mudança de estação levanta suspeitas. As chuvas tornam-se raras e começam a aparecer rebentos de cebolinho, segurelha e cerefólio. Médicos de perucas suam no anfiteatro de Anatomia, o musgo seca entre as pedras dos edifícios; o preço do trigo diminui porque os camponezes antecipam um ano de abundância. Entre as Cozinhas e o Edifício da Rouparia, as lavadeiras olham para o céu seco e preveem um verão molhado.

Marguerite tem dificuldade em desfrutar do clima ameno, da dor menos intensa na perna. Há duas semanas, a irmã Suivit pedira uma última vez que Geneviève fosse enviada de volta para a Grande Force. As irmãs queixavam-se da forma atenta como as outras prisioneiras a ouviam. Temiam que ela fosse uma má influência. Marguerite reiterou que Menu iria ficar onde estava; que, de uma forma ou de outra, as irmãs deveriam manter as prisioneiras em silêncio.

Faltam apenas três semanas para ter de enviar a lista para os membros da direção. A carta que escreveu a Lucie, na qual argumentava a favor de Geneviève, não obtivera resposta. No entanto, parece-lhe impossível que a irmã ceda tão facilmente. Sempre que alguém bate à porta, Marguerite espera ver Lucie a entrar-lhe de rompante no gabinete e a pedir que a levem à Grande Force para ordenar que Geneviève

seja fechada nas *loges aux folles*. Mas quem entra é sempre a irmã Bailly para lhe fazer perguntas sobre o inventário trimestral, sobre duas jovens irmãs zeladoras em formação, sobre um carregamento de remédios a precisar de aprovação, sobre uma *libertina* de treze anos acabada de chegar e sobre uma condessa adúltera. Nos últimos tempos, a assistente começou a tomar a iniciativa.

O jardim privado é o único lugar onde Marguerite consegue manter todos esses pensamentos à distância

Está a olhar para a madressilva, as flores brancas e amarelas que cobrem o portão, quando o puxador de madeira começa a mexer-se. Marguerite endireita-se. Nem a irmã Bailly ousaria ir para ali depois das vésperas. Estende a mão para a bengala, mas, antes de ter tempo de a agarrar, uma silhueta delgada, menor do que a da assistente, entra no jardim. O toucado da rapariga está bem atado sob o maxilar. Cobre-lhe metade da testa, mas Marguerite reconhece o nariz pequeno e o rosto salpicado de sardas de Charlotte.

— O que está aqui a fazer? — pergunta a madre superiora. Atrás de Charlotte, o portão ficou entreaberto. Marguerite não quer imaginar o que os padres que estão a sair do seu próprio jardim pensariam se vissem uma rapariga num vestido de tiritana no jardim da madre superiora. — Feche a porta, depressa.

Charlotte obedece. E fá-lo novamente quando Marguerite lhe faz sinal para que ela se sente ao lado dela no banco. Senta-se na ponta. Mais acima, o céu do início de maio é de um azul tão pálido que parece branco. O rosto de Charlotte não denuncia qualquer emoção.

— Vai faltar às completas — avisa Marguerite. Ao ver que a criança não responde, a superiora acrescenta: — Não vou perguntar como encontrou o caminho para chegar até aqui.

Charlotte sorri ao ouvir estas palavras. Parece estar muito satisfeita consigo própria, feliz por conhecer Salpêtrière tão bem como conhece. Não é algo de que devesse orgulhar-se, nem ela nem Marguerite.

— O que quer? — pergunta.

Charlotte olha-lhe para os olhos cinzentos arregalados.

— Porque é que o meu nome não está na lista?

As razões parecem-lhe tão óbvias que Marguerite não responde imediatamente. A Luisiana é um lugar perigoso e a lista é uma maldição. Se

Marguerite tem de escolher raparigas da Maison Saint-Louis, pode muito bem optar por outras pessoas. É preciso ter uma pele curtida para atravessar um oceano e fixar-se na colónia. E nem ela nem Charlotte têm semelhante pele. Olha para Charlotte, que balança os pés para a frente e para trás com as mãos agarradas ao banco. No peito, as duas intumescências leves parecem deslocadas. A rapariga fala antes de Marguerite ter a oportunidade de o fazer.

— A *mademoiselle* Janson, que é minha amiga, foi escolhida. — As pernas de Charlotte começam a balançar mais depressa. — Quando a Étienne se for embora, eu vou ficar sozinha.

— Não. Aqui em Salpêtrière nunca estará sozinha.

— Vou ficar sozinha — repete Charlotte com a voz mais baixa.

Marguerite respira fundo. Salpêtrière é a casa dela, a família dela. Já o é há décadas. E agora, ao lado de uma órfã de doze anos, uma rapariga aterrada com a perspectiva de ficar sozinha, a única coisa em que consegue pensar é em Lucie e na sua própria solidão. Gostaria de poder dizer a Charlotte para não se preocupar, que ela está ali para ajudar. Mas, independentemente daquilo em que Marguerite quis acreditar ao longo de tantos anos, a verdade é que nunca esteve: nunca estará, nem ali nem em lugar nenhum.

— Por favor — ouve Charlotte a dizer. Acima das árvores, as andorinhas mergulham no céu. Depois a criança acrescenta: — Prefere enviar uma criminosa para a Luisiana a enviar-me a mim?

— Como?

— Ouve dizer que está a proteger uma mulher da Grande Force.

Marguerite olha fixamente para Charlotte. A criança não sabe nada, tirando o que uma irmã zeladora indiscreta lhe tenha dito. Não sabe da interferência de Lucie, não sabe que, se não fosse enviada para a colónia, Geneviève iria passar a vida a saltitar entre a Grande Force e a Maison de Correction: não sabe, enfim, que Geneviève, ao contrário de Charlotte, não está a enfrentar a sua primeira tentativa de sobrevivência.

— O que acontecerá com a Geneviève Menu não é da sua conta. — Marguerite fecha a mão em redor do castão da bengala. O marfim é frio sob os dedos. — Agora, é melhor ir — diz ela. — As irmãs zeladoras devem andar à sua procura.

Sem desviar o olhar de Charlotte, a madre superiora vê-a levantar-se e fazer-lhe uma reverência rígida. Quando Charlotte se endireita, tem os olhos cheios de lágrimas. Marguerite observa-a a atravessar o jardim. Sente o coração a bater acelerado no peito. Quando Charlotte chega ao portão, Marguerite diz:

— Tenha cuidado no seu regresso.

Mas a voz sai fina e Marguerite não tem a certeza de que Charlotte a tenha ouvido. A madre levanta-se. Olha para o portão de madeira, imagina Charlotte a esconder-se ao fundo do beco estreito e a descer a rua à pressa, evitando os artesãos que estão a ir para casa e as irmãs zeladoras a sair dos dormitórios depois da última ronda. A menos que estejam acompanhadas pelo pessoal, as residentes não podem sair dos edifícios, e Marguerite já viu mais do que uma aprendiz embriagada a vagarear pelo hospital no crepúsculo. No entanto, sabe que Charlotte será prudente. Tem de ser. Assim que partir para a Luisiana, terá de saber defender-se sozinha.

No terceiro sábado de maio, Marguerite está pronta para apresentar a lista à direção. À porta da carruagem, a irmã Bailly pergunta-lhe se tem todos os documentos. Marguerite bate no baú com o pé, mas não olha para ver se o gesto é compreendido: a assistente tem vindo a tornar-se demasiado maternal ultimamente. Esta semana, a direção reúne-se na casa do presidente do parlamento. Os sete diretores do hospital, o procurador-geral do rei, o arcebispo de Paris e o comissário da polícia marcarão presença. Irão analisar a lista em conjunto, para depois a aprovarem. Lucie não demorará a fazer o mesmo.

Marguerite encosta a cabeça à janela. O céu está tão azul que parece plano e longínquo, e o trote dos cavalos sacode-lhe as peles do pescoço. Há pouca coisa à volta do hospital além do mercado equestre, os moinhos de vento a contemplarem o Sena, o castelo de Bicêtre e respetiva prisão e, ao fundo, dois lugarejos conhecidos por Ivery e Vitery. E só quando a carruagem adentra em Faubourg Saint-Victor é que Marguerite sente que chegou à cidade.

Ao longo dos anos, Paris foi-se tornando uma versão mais ampla e menos controlada de Salpêtrière aos olhos de Marguerite. As lavadeiras

saem do Sena levando consigo o cheiro acre do rio. Mais à frente, o jardim Royal floresce à frente do hospital de La Pitié e os botânicos arrastam os pés na lama em direção aos laboratórios do rei. A berlinda passa à frente dos cônegos de Saint Augustin e respetiva abadia e desce até à Place Maubert. É dia de feira e a multidão junta-se em volta da fonte, em redor da carruagem de Marguerite, rostos a aparecer entre as cortinas, um rapaz zarolho com um cesto cheio de mel e óleo de amendoim a balançar-lhe no braço, ombros de homens curvados sob cordas de pele. O nó no peito de Marguerite aperta-se. Por instantes, a madre superiora imagina que já está a caminho de casa, onde pode ser quem decide quando dispersar a multidão ou quando deixá-la alastrar-se.

Abre os olhos quando atravessam o rio. Vê água esverdeada a deslizar por entre as casas de madeira e ouve uma mulher a gritar «*attention*» antes de despejar um bacio pela janela. No final da ponte, um bebé agacha-se entre ovos partidos e a polpa viscosa respinga-lhe por entre os dedos. É então que surge a catedral de Notre-Dame, torres impossivelmente altas a elevarem-se na ilha, pilares nas traseiras que vão ao encontro da abóbada principal como vértebras de um animal monstruoso. Mais acima, as gárgulas têm as goelas abertas como se estivessem a tentar engolir um pouco do céu azul.

Quando a carruagem entra no terreiro da casa do conde d'Avaux, os homens já lá estão. No exterior, os cocheiros apoiam-se às colunas, com as cores dos librés a desenharem uma curiosa bandeira.

— Madre superiora, que prazer vê-la!

Marguerite sempre gostou do procurador-geral do rei. Os seus traços vincados contrastam com uma imperturbável placidez: ao longo dos últimos vinte anos, Marguerite nunca o viu descontrolado. Além disso, parece completamente alheio à idade de Marguerite. Tem por costume falar sobre ambos apontando para um futuro distante, fazer planos como se ela fosse durar mais do que Salpêtrière, e não o contrário.

— Sente-se, por favor.

Sob uma pintura de François de Troy, os homens parecem demasiado imersos na conversa para reparar em Marguerite. A madre superiora vê imediatamente o filho de Lucie — o conde d'Argenson —, tão bem-parecido como o pai, com a atitude dos homens habituados

ao poder e uma boca em forma de coração que pareceria feminina não fosse o nariz volumoso. Discursa com convicção sobre a Companhia do Mississípi, sobre as ações compradas por centenas de pessoas no Banque Générale, e dá a entender que o escocês nomeado pelo rei como diretor-geral de finanças está a abusar da confiança dos acionistas, que *monsieur* John Law está a levar as pessoas à ruína com o seu dinheiro de papel. O novo comissário da polícia anui a tudo; Marguerite sempre admirou o ar tolerante do sobrinho imediatamente antes de rebaixar o interlocutor. Desta vez, não ouve a tirada que lhe lança. O anfitrião, o conde d’Avaux, está a gritar mais alto do que os demais, a prometer que o parlamento irá lutar contra o edital da semana anterior, que a crise especulativa será evitada. Ninguém o ouve.

— A Luisiana que o administrador nos vendeu não existe — acusa um dos diretores.

— Parece-me que tem de existir. Creio que a nossa cara madre superiora nos trouxe a lista de raparigas que não demorarão a partir para se juntarem aos nossos compatriotas.

Marguerite apruma a postura. Tinha esperança de que os homens começassem a discutir os preços do trigo, de ter tempo para se sentar junto à janela e admirar o laranjal. Todos a fitam, no entanto. Os caracóis das perucas pendem-lhes sobre os pescoços, as bochechas descaídas caem sobre as golas apertadas. Marguerite estende a lista ao procurador-geral.

— Espero sinceramente que sejam melhores do que as criaturas depravadas que enviámos no ano passado.

— Não podem ser outra coisa.

— Pelo menos são jovens.

— Quem é que as vai acompanhar?

— Freiras, creio.

A lista passa de mão em mão. No teto, as musas oferecem coroas de louros e maçãs tingidas de um vermelho violento umas às outras.

— Parece-me ser um número suficiente para convencer aqueles patifes a ficarem onde estão.

— Isso dependerá da quantidade de raparigas que sobrevivam à viagem.

— Mas eu acredito que a madre superiora só tenha selecionado as nossas mulheres mais robustas e virtuosas.

A lista chegou ao conde d'Argenson. O nome de Menu aparecia em destaque na segunda página. Marguerite baixa os olhos. Pergunta-se o que saberá o sobrinho sobre as manigâncias de Lucie. Com os olhos baixos, não vê os querubins bordados no tapete. Vê-se a si própria com nove anos, sentada ao lado de Lucie, a ouvir a pergunta da professora: qual era o nome da árvore sob a qual São Luís costumava administrar a justiça? Marguerite sabia a resposta, sabia que tinha poucos segundos até a irmã começar a disparar nomes de árvores aparentemente ao acaso. Mas Marguerite não conseguia convencer-se a falar. Limitou-se a olhar para a professora, desesperadamente à espera de ser chamada e incapaz de forçar as palavras a saírem da boca para fora. Aquilo que Marguerite recorda melhor é o quanto desejava poder ficar calada e falar, não sair do lugar e voar. O sobrinho passa a lista para o vizinho.

— Parece prometedora.

Quando o cardeal de Noailles repete as palavras do conde, Marguerite espera que os músculos relaxem e que as faces arrefeçam. O corpete continua a apertar-lhe o peito. A lista é pousada em cima de uma pilha de papéis; em breve, será aprovada pelo regente, uma mera formalidade. Do outro lado da mesa, alguém fala sobre as finanças de Salpêtrière. O procurador-geral promete uma doação generosa do rei.

Marguerite ouve muito vagamente o que os homens dizem a seguir. Está a pensar em quando Lucie fora ter com ela depois da aula particular. Fizera-lhe mais perguntas sobre o carvalho e ouvira em silêncio Marguerite a explicar-lhe a forma como São Luís acabava com as discussões encostado à casca de uma árvore. E agora que os diretores discutem o orçamento para o ano que vem, que o jovem comissário da polícia parece ter-se esquecido de quem ela é, a única coisa em que Marguerite consegue pensar é no prazer que sentiu por não estar sozinha e ter conseguido cativar a atenção da irmã, mesmo que por poucos minutos.

No dia da partida das mulheres, o calor espalha-se pela cidade de Paris como água num barco a afundar-se. Lá fora, nada se mexe. Salpêtrière parece uma pintura de si própria. O mercado da Cour Saint-Louis está deserto, mas os cheiros a peixe salgado, suor, noz-moscada e alfalfa penetra nas janelas bem fechadas. Da entrada do edifício da direção, Marguerite observa os criados a arrear mais cavalos. No ar quedo de junho, os animais fecham os olhos às moscas. A irmã Bailly disse que não era razoável que Marguerite esperasse ali, que o gabinete estaria mais fresco. Mas, em vez de ir para o primeiro andar, a superiora mandou que lhe fossem buscar uma cadeira. Marguerite precisa de se despedir.

As raparigas chegam num grupo compacto. Marguerite nunca as vira juntas. As irmãs que as rodeiam devem ter-lhes dado ordens, porque elas atravessam o pátio em silêncio. Marguerite repara nos olhares rápidos entre elas, nos sussurros que flutuam na brisa quente. As sombras das raparigas alongam-se nas pedras da calçada do pátio, quentes como carvão. A madre superiora reconhece a mulher de passado abastado da Maison de Correction, a estranha com a mancha na face, a deixar-se ficar para trás. Depois aparece Charlotte, a caminhar ao lado da amiga — Étiennette Janson. Com o tempo, Marguerite começou a considerar que eram família, embora saiba que não têm laços de sangue. Observa-as a entrar numa carroça e a sentar-se no meio da palha e vê Charlotte a sussurrar algo ao ouvido da amiga loura. Marguerite desvia o olhar. Espera ter tomado a decisão certa. Charlotte nunca fora uma escolha óbvia.

Tal como Marguerite também não o fora.

Não precisa de procurar muito para encontrar Geneviève; há apenas uma mulher, já encostada às tábuas de madeira da carroça, a virar-se para olhar para a entrada do edifício, de olhos semicerrados. Marguerite não se mexe. De onde está, pode ser o que quer que Geneviève queira ver: uma sombra indistinta num corredor escuro, uma silhueta conhecida entre pedras frias, uma mulher idosa refastelada numa cadeira de braços minúscula. Marguerite tenta não pensar no momento em que os cavalos irão começar a trotar em direção à saída e em que terá de chamar a irmã Bailly para que ela a ajude a subir as escadas. Por enquanto, tem tempo de ficar a ver as suas meninas a partirem, de ficar parada na sombra, de se convencer de que ninguém conhece Salpêtrière demasiado bem para decidir quem pode partir e quem terá de ficar.

Uma visão poderosa da amizade, da identidade e do desejo femininos, e das escolhas que as mulheres fazem na sua vontade inabalável de sobreviver

Paris, 1720. O hospital de Salpêtrière, que acolhe órfãs, prisioneiras e doentes mentais, tem demasiadas residentes. Do outro lado do mundo, os franceses precisam de mulheres para constituírem família na colónia da Luisiana. Marguerite, a madre superiora responsável pelo hospital, é então incumbida de selecionar noventa «voluntárias» em idade fértil para serem enviadas para a América. Entre elas, encontram-se três amigas improváveis — Charlotte, Pétronille e Geneviève: uma órfã de doze anos de língua afiada, uma jovem aristocrata rejeitada pela família e uma mulher acusada de praticar abortos. Nenhuma destas mulheres faz ideia do que as espera para lá do Atlântico nem que não terão qualquer controlo sobre o seu futuro. Estas jovens destemidas unidas pelo destino terão de enfrentar grandes adversidades numa terra selvagem e impiedosa — doenças, guerras, tráfico de escravos, patriarcado —, e também o trauma de uma vida de desgostos, lutos, crueldade e prazeres inesperados, mas uma amizade forjada no fogo mantê-las-á unidas.

Nas palavras da autora, este romance é uma homenagem a todas as mulheres corajosas que permaneceram durante demasiado tempo ocultas na sombra da História dos Estados Unidos da América e da França.

«Julia Malye mostra um domínio formidável do seu cenário histórico, com personagens ricamente traçadas, e o resultado é uma história épica e cheia de nuances acerca de mulheres que descobrem formas de sobreviver contra probabilidades impossíveis.»

Publishers Weekly



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897876516



9 789897 876516 >